

COMUNICAÇÕES

REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Felipe Amado

Universidade Agostinho Neto - Angola

O trabalho que ora se apresenta não é mais do que um programa de reflexão com um estatuto provisório. Preferimos no momento actual esta atitude de abertuda que se torna necessária por circunstâncias históricas: o facto de tratar-se de um campo que só começou a definir-se muito recentemente, e cujo processo ainda não atingiu um nível suficientemente esclarecedor.

Tentamos fazer o enquadramento histórico desta problemática com referências às principais teses conhecidas através das obras de diversos autores e alguns desenvolvimentos teóricos foram efectuados com vista a fomentar a discussão sobre esta problemática. O nosso objectivo não foi mais do que dar uma contribuição para essa discussão.

Se fizermos a pergunta, o que são as ciências sociais?, a resposta mais elementar que se pode dar é dizer que são um conjunto de disciplinas que têm como objecto de estudo os diferentes aspectos relacionados com o homem no seu contexto social. Deste conjunto poderíamos mencionar, por exemplo, a Economia, a Sociologia, a Ciência Política, a Psicologia, a Antropologia, a História, a Linguística. Cada uma dessas disciplinas tem a sua própria história, os seus interesses, os seus conceitos, os seus métodos. A história da Ciências Sociais, que só tem cerca de dois séculos de

* Comunicação apresentada na Mesa-Redonda sobre "Cultura Africana", no Primeiro Congresso Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos promovido pela ALADAA, realizado na USP em novembro de 1984.

existência, ilustra bem este processo de crescimento, diferenciação e especialização.

Pode dizer-se que a necessidade de uma divisão do trabalho nas Ciências Sociais é uma explicação da sua divisão na nossa época.

Como se afectou essa divisão?

As Ciências Sociais seguiram uma evolução lógica que incitou cada uma delas a se destacar do tronco original.

Com Kant e Hegel elabora-se o primeiro grande esquema de conjugação das Ciências do Homem e da Sociedade, baseado na contraposição entre intelecto e razão, e como reacção contra a tradição filosófica arcaica.

Em relação a este esquema que, em definitivo, continua conservado nas suas sucessivas variantes, apenas aparece distinto dele o esquema elaborado pelo positivismo.

De qualquer modo, o positivismo continua a afirmar a subordinação necessária da Ciência Social ao conjunto da filosofia, numa tentativa frustrada de mediação teórica entre racionalismo e empirismo.

É contra esta última concepção filosófica que se opõe à esquerda Hegeliana, Feuerbach, Marx e é no seguimento desta crítica que surgem, em meados do século XIX, as duas variantes principais do pensamento burguês.

Por um lado, o experimentalismo com Durkheim, que perfilhava uma sociologia dirigida para a análise do mundo e das suas conexões, admitindo como hipótese um campo de verificação para os seus próprios conceitos e, por outro lado, o historicismo, com Dilthey, Windelband, Ricert e Max Weber, centrado na problemática do método e no carácter especificamente histórico do mundo humano.

Será entretanto Max Weber que tentará oferecer uma nova contribuição a esta última temática ao tentar determinar uma metodologia do conhecimento social capaz de subtrair-se da perspectiva metafísica e de utilizar conceitos e tipos na reconstrução histórica.

Entretanto, a frustração do seu projecto oferece motivos para a continuidade da assimilação filosófica da dimensão social do homem.

As Ciências Sociais encontravam-se assim frente a dois caminhos: ou regressar de forma mais ou menos indirecta, com Croce e Gentile, à lição Hegeliana, que postula uma história do mundo apenas como aparição extrema de um processo exclusivamente espiritual, ou bem aceitar o papel técnico, instrumental, das disciplinas sociais.

No primeiro caso, as disciplinas sociais serão apenas ramos dependentes de uma filosofia do espírito; no segundo caso elas terão um valor meramente descritivo, acumulativo, que continua sendo cientificamente irrelevante em face dos grandes problemas explicativos da história do homem. É esta última posição que confirmará a ruptura entre investigação empírica e sistematização racional, entre reconhecimento do mundo social e a sua explicação, ficando assim diluída a finalidade científica específica

das ciências sociais. Como consequência, ela possibilita o aparecimento do formalismo, que tem com Talcott Parsons o seu mais fiel representante.

A expressão do formalismo consiste precisamente na tendência para dividir o objecto social sem preocupar-se com a sua conexão interna histórico-teórica. Com base nesta divisão que desarticula o objecto surge uma miríade de facetas, autónomas, e, mais tarde, modela-se uma pluralidade de métodos adequados às particularidades dos aspectos considerados. Desaparece assim a unidade sistemática do objecto, como também a sua verificabilidade, e cada uma das disciplinas converte-se em forma "peculiar" a qual se retêm aqueles aspectos do objecto social que consistem na subjectividade humana.

Assiste-se assim a uma transladação arbitrária do nível social ao nível psicológico.

Esta situação continua conservada e ainda persiste no mundo burguês contemporâneo; para ela ainda contribui o isolamento académico das disciplinas que institucionaliza uma desintegração da investigação social. Como muito bem disse Wright Mills, "as Ciências Sociais bifurcam-se agora segundo dois polos: a grande teorização, que quanto mais se estende mais perde em profundidade e regressa à metafísica, e o humilde empirismo, que maneja técnicas para fins intelectualmente incontrolláveis para o cientista social".

Na realidade, como tivemos ocasião de constatar através de uma tentativa de análise comparativa, veremos que, no estado actual, o desmembramento das Ciências Sociais em várias disciplinas não é sempre exactamente o mesmo segundo os países, pois cada um retém aquilo que julga mais útil e conveniente. O corte das matérias de estudo, em grandes disciplinas ou domínios, que varia de país para país ou de um sistema a outro, não facilita a análise comparativa.

Na generalidade da literatura especializada encontra-se a expressão Ciências Sociais utilizada num sentido genérico, enquanto que a expressão Ciências Humanas representa uma designação com sentido mais amplo.

Talvez devido à pouca convincente justificação dada por alguns autores para as ciências do espírito de que falava Dilthey, elas passaram a chamar-se Ciências Humanas e não Ciências Sociais e, talvez por modismo ou originalismo, têm sido ainda aventuradas outras etiquetas para as Ciências Sociais, por exemplo: Ciências do Homem, Ciência do Homem, etc.

Contudo, apesar do objecto destas ciências ser o homem como ser social, não quer dizer que elas visem em especial o aspecto humano do homem. Se analisarmos cada uma delas, veremos que o interesse pelo homem propriamente dito varia bastante de uma para as outras e de escola para escola.

Nas suas teses sobre Feuerbach, Marx tomou posição contra toda a antropologia filosófica metafísica com as seguintes palavras:

"Feuerbach resolve a essência religiosa na essência humana. Mas a essência humana não é algo de abstracto inerente ao indivíduo isolado. Na sua realidade, ela é o conjunto das relações sociais".

A confusão é ainda maior, por exemplo, entre Arts com inglês, e "Lettres e Sciences Humaines" no regime francês.

Na França, a designação de Ciências Humanas é de uso frequente, quer isolado, quer simultâneo com a designação de Ciências Sociais, ou de uso alternativo, que isola as ciências sociais das demais ciências humanas, integrando as últimas como humanidades, no campo das letras, como o faz a universidade tradicional em alguns países europeus.

Em certos sistemas as ciências económicas formam uma categoria distinta, noutras são acasaladas quer às ciências sociais, quer ao direito. A geografia é considerada algumas vezes uma ciência natural, outras vezes uma ciência humana associada à história, ou ainda uma ciência social.

Assim se apresenta o quadro referente a esta problemática.

Contatamos, entretanto que a distinção entre Ciências Humanas e Ciências Sociais não repousa sobre qualquer base científica, mas sim sobre tradições que mudam de um país a outro, e que na maioria das vezes o corte é arbitrário e artificial.

As diferentes divisões das Ciências Sociais são apenas relativas; elas dividem algo que é, na realidade, contínuo, apenas por conveniência de análise, de modo a permitir o estudo especializado. A distinção tem apenas por base uma questão de divisão do trabalho científico.

Para C. Levi-Strauss, a própria expressão de Ciências Sociais encerra um pleonasm, pois ao declararem-se sociais elas ocupam-se do homem, e daí decorre que sendo pois, primeiramente humanas, elas são automaticamente sociais. Para ele, o critério de distinção seria de ordem prática.

No mesmo sentido, Jean Piaget assinala que "é difícil distinguir diferenças de natureza entre aquilo que se designa muitas vezes "Ciências Sociais" e as "Ciências Humanas", porque é evidente que os fenômenos sociais dependem de todos os caracteres do homem, inclusive os processos psicológicos, e que, reciprocamente, as Ciências Humanas são todas sociais, por um ou por outro dos seus aspectos".

Pensamos assim que designação de Ciências Humanas não nos parece adequada, visto não ser propriamente o homem o objecto da maior parte delas.

Para retomar os tempos de W. Mills, o objecto das Ciências Sociais é propriamente: "o presente como história e o futuro como responsabilidade".

E a necessidade de identidade de uma estrutura unitária e objectiva do objecto social requer o uso histórico das categorias, a íntima cooperação interdisciplinar, e a ligação dialéctica entre teoria social e prática histórico-social.

Com o progresso do conhecimento científico moderno ocorre entretanto um duplo processo de especialização e de integração.

Actualmente desperta o interesse pelos estudos inter-disciplinares, e espera-se que as tendências das diferentes ciências sociais seja no sentido da criação de uma ciência da sociedade tecnicamente provida de especialização, que não a confinem aos formalismos profissionais senão que a levem com uma maior riqueza à compreensão dos mecanismos históricos-sociais do presente e do passado, e facilitem indicações previsíveis para o futuro.

Como afirmou Jean Piaget, "as noções de integração e de interdependência tendem a substituir-se às séries lineares ou às árvores genealógicas simples. A questão está em saber se a tendência é para efectuar assimilações gerais ou para empregar modos relacionais ou dialécticos de interpretação que tomem em linha de conta tanto oposições como analogias".

Entende-se pois que as Ciências Sociais não são compartimentos isolados e separados, e admite-se que quando um cientista social investiga, não necessita ter respeito pelas linhas burocráticas de marcação intelectual; ele vai onde o seu problema o leva. Isto é, um domínio do social cruza-se com outro, sem violação das respectivas autonomias.

Talvez que a melhor contribuição para o esclarecimento da situação seja aquela apresentada por Jean Piaget. Numa das suas obras publicadas pela UNESCO, ele propõe a seguinte classificação:

1. Ciência das Leis — Sociologia, Antropologia Cultural, Psicologia, Economia Política e Econometria, Demografia, Linguística, Cibernética, Lógica Simbólica e Epistemologia do Pensamento Científico, Pedagogia Experimental.
2. Disciplina Histórica — História, Filosofia, Crítica Literária.
3. Disciplinas Jurídicas — Filosofia do Direito, História do Direito, Direito Comparado, etc.
4. Disciplinas Filosóficas — Moral, Metafísica, Teoria do Conhecimento, etc.

Nos sistemas universitários materializa-se a tendência para agrupar as disciplinas como Antropologia, Sociologia, Economia, Ciência Política, Demografia, Psicologia Social, História, Psicologia, Filosofia, Filologia, dada a necessidade de uma formação geral em todos os campos, previamente à especialização em qualquer destes ramos, e em virtude das conveniências de promover estudos interdisciplinares.

Várias revistas dedicadas aos assuntos ligados às Ciências Sociais manifestam também a mesma tendência, como por exemplo, a revista trimestral da Secção de Ciências Sociais da Academia das Ciências da URSS, que publica artigos, resumos e resenhas sobre Filosofia, História, Política, Economia, Sociologia, Direito, Filosofia, Psicologia, Etnografia, Arqueologia.

Poderemos agora formular a seguinte questão: o que se passa nos países em vias de desenvolvimento, e especialmente na África, no que concerne ao problema das Ciências Sociais?

Entre as numerosas críticas dirigidas aos sistemas de ensino pós-secundário e universitário dos países em vias de desenvolvimento figuram as seguintes:

- carácter importado da Filosofia, dos Programas, das Estruturas de numerosas Universidades, tornando-os desadaptados às situações sócio-económicas do país;
- inadequação entre as políticas de pesquisas dessas universidades e as necessidades próprias ao desenvolvimento das sociedades;
- carácter abstracto e teórico dos programas e dos métodos de ensino, tornando assim os estudantes estrangeiros à realidade que os envolve;
- orientação principalmente monodisciplinar do ensino, quando as situações que os graduados devem enfrentar são globais e complexas.

Perante os inconvenientes duma tal situação, certos países promoveram a criação de sistemas integrados para a formação dos seus quadros superiores e de técnicos, e a abordagem interdisciplinar foi igualmente objecto dos numerosos esforços realizados num grande número de sistemas universitários dos países em vias de desenvolvimento.

Como se situará o problema em relação à República Popular de Angola de modo a ser possível destacar uma linha de orientação coerente e objectiva?

De qualquer modo, parece-nos que a estratégia a ser seguida deverá ter em conta as seguintes premissas:

1. A opção socialista do nosso país;
2. O modelo de desenvolvimento sócio-económico definido pelo Partido;
3. As necessidades directas da sociedade em matéria de formação de quadros;
4. A interdisciplinaridade;
5. A ligação entre teoria social e prática social.

Se excluirmos o direito e a economia, que já possuem faculdades próprias integradas na Universidade de Angola, à primeira vista, parece-nos que o nosso país necessita de profissionais em História, Geografia, Sociologia, Antropologia, Línguas e Literaturas, Comunicação Social, Biblioteca e Arquivo.

O problema da formação em comunicação social, Biblioteca e Arquivo poderia ser resolvido pela categoria dos quadros médios. Agrupando en-

tão as restantes disciplinas de acordo com o modelo — Língua e Literatura, História, Sociologia e Antropologia — ficaria sobretudo por resolver o enquadramento da Geografia, da Arqueologia e da Psicologia Social.

Constituíram essas disciplinas formações independentes ou, a título de especialidade, permaneceriam no interior de uma outra com a qual mantêm laços estreitos de dependência?

Como a materialização do projecto no qual estamos todos empenhados requer uma acção cuidadosa e prudente, as opções a serem definidas devem ser precedidas de uma análise concreta da situação real, de prioridades planificadas.

Não queria terminar este trabalho sem tecer algumas breves considerações acerca da importância das ciências sociais na solução dos problemas actuais do desenvolvimento econômico social.

Neste contexto, o conhecimento científico elaborado pelo conjunto das ciências da sociedade desempenha um papel relevante na actividade social, no comportamento dos indivíduos, na direcção dos processos sociais.

A prática social sente cada vez mais a necessidade de conhecimentos fornecidos pelas ciências sociais, para a solução dos grandes problemas que enfrenta o mundo contemporâneo, e, nas transformações profundas que se verificam actualmente, as ciências da sociedade fornecem uma contribuição valiosa, na medida em que, dependendo do seu carácter e da sua orientação geral, elas exercem uma influência sobre o processo social.

As ciências Sociais são, hoje em dia, um instrumento essencial do desenvolvimento.